

*Eu*LEIO

EDGAR ALLAN POE

**O ESCARAVELHO
DE OURO**

E OUTRAS HISTÓRIAS

*Texto
integral*

Seleção e tradução
José Rubens Siqueira

ea
editora ática

Título original: *The gold bug*

Título da edição brasileira: *O escaravelho de ouro e outras histórias*

Editor	Fernando Paixão
Assistência editorial	Isa Mara Lando Mário Vilela
Preparador	Nelson Nicolai
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Ana Luiza Couto

ARTE

Editor	Jayme Leão
Ilustração/capa	Jayme Leão
Ilustração/miolo	Bicalho, Edgar R. Souza, Kipper Negreiros, Nestor e Sol
Diagramação	Jayme Leão
Arte-final	Fukuko Saito
Coordenação de composição	Antonio U. Domiêncio
Páginação em vídeo/composição	Wander Camargo da Silva José Anacleto Santana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P798e

6.ed.

Poe, Edgar Allan, 1809-1849

O escaravelho de ouro e outras histórias / Edgar Allan Poe ;

seleção e tradução de José Rubens Siqueira ; ilustração

Bicalho. - 6.ed. - São Paulo : Ática, 1999.

128p. : il. - (Eu Leio)

ISBN 978-85-08-04592-8

1. Conto americano. I. Siqueira, José Rubens, 1945-. II. Bicalho. III. Título. IV. Série.

10-0518.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

ISBN 978 85 08 04592-8

CAE: 231670

CL: 730923

2019

6ª edição

20ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.

Av. das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



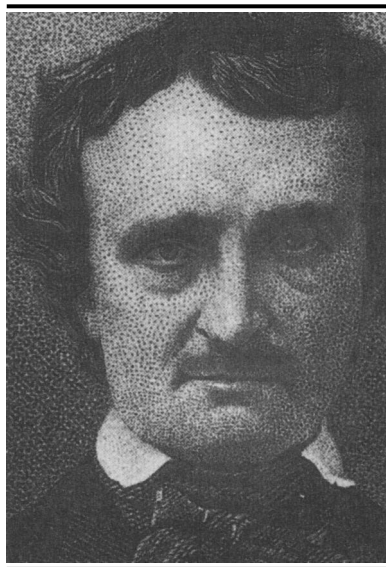
EDGAR ALLAN POE

Criador de histórias extraordinárias

Eliane Robert Moraes

Vamos começar pelo final. E, já que nosso tema é Edgar Allan Poe, vamos começar pelo mistério. A 27 de setembro de 1849, após jantar com alguns amigos em Richmond, Poe dirigiu-se ao cais da cidade. Por volta das quatro horas da madrugada, embarcou num navio para Baltimore e, ao que tudo indica, chegou a seu destino no dia seguinte. A viagem havia sido programada para ser bem rápida, pois ele estava de casamento marcado com a sra. Shelton, um antigo amor de juventude. Porém, de sua suposta chegada a Baltimore até o fatídico 7 de outubro, nada mais se pode afirmar com segurança.

Dizem alguns que ele teria seguido para a Filadélfia e de lá para Nova York, onde planejava buscar uma velha tia para assistir à cerimônia do casamento. Outros afirmam que ele permaneceu a semana inteira em Baltimore e, embriagado, caiu nas mãos de uma quadrilha



de falsários, que lhe teriam oferecido algum licor com drogas para que colaborasse numa fraude eleitoral. São meras hipóteses. A única coisa certa é que a 3 de outubro o dr. James E. Snodgrass, velho amigo de Poe em Baltimore, recebeu uma carta assinada por um tal Walker, que dizia: “Há um cavalheiro, um tanto descomposto nas vestimentas, na rua Ward Polls, dizendo atender pelo nome

Edgar A. Poe, que parece estar muito atormentado e diz ter conhecimento com o senhor, e eu asseguro que ele precisa de assistência urgente”.

Poe foi encontrado pelo amigo em estado de profundo desespero, largado numa taberna sórdida, de onde o transportaram imediatamente para um hospital. Estava inconsciente e moribundo. Ali permaneceu, delirando e chamando repetidamente por um misterioso “Reynolds”, até morrer, na manhã do domingo seguinte. Era 7 de outubro de 1849, e os Estados Unidos perdiam um de seus maiores escritores.

O que terá acontecido a Poe naqueles últimos dias de vida? Por onde terá perambulado? Teria sido vítima da doença que mais temia e que lhe causava tanta aflição nos outros, a loucura? Um ataque súbito? Ou motivado pela ingestão de álcool e drogas? Sabe-se que, meses antes de sua morte, ele havia voltado a beber e andava a vagar pelos becos da Filadélfia. Foi salvo da prisão e tirado das ruas por amigos fiéis, que o ajudaram a voltar para Richmond. Essa errância, contudo, não foi característica apenas desse período, mas marcou toda a sua vida. Pode-se mesmo dizer que Edgar Allan Poe foi um errante

desde seu nascimento em Boston, a 19 de janeiro de 1809.

Mais ainda: essa vida instável ele herdou de seus pais. David e Elizabeth Poe se conheceram no meio teatral, onde disputavam uma chance como atores. Casaram-se em 1806 e passaram a representar juntos, mas a carreira incerta e de pouco êxito dificultava o sustento dos filhos pequenos, William e Edgar. A situação agravou-se quando David abandonou a mulher doente e grávida da filha Rosalie, que nasceria em 1810. Elizabeth não resistiu à vida miserável que levavam e, abatida por uma doença fatal, morreu no ano seguinte.

Edgar, então com dois anos, foi abrigado por um próspero negociante escocês que, embora casado, não tinha filhos. Nos primeiros anos de convivência com o sr. e a sra. John Allan — sobrenome que viria a adotar —, o menino teve um ambiente feliz e agradável. Viagens, boas escolas e carinho familiar marcaram essa convivência até aproximadamente seus quinze anos. Mas, por volta de 1824, começaram os primeiros conflitos, motivados pela constante irritabilidade do tutor. Os problemas financeiros de Allan e a saúde precária da mulher foram os pretextos para os ataques contra Edgar;



A inglesa Elizabeth Poe, mãe do escritor, era uma atriz fracassada que morreu na miséria quando Edgar tinha apenas dois anos



Frances Allan criou Edgar sem jamais tornar-se sua mãe adotiva



John Allan, marido de Frances, um homem com quem Edgar vivia se desentendendo

sempre ressaltando a situação de caridade do menino, que nunca fora oficialmente adotado. Clima tenso e difícil para um jovem poeta que sonhava com a carreira literária.

Entre o jornalismo e a literatura

Aos dezessete anos, Edgar matriculou-se na Universidade de Virgínia, onde, em pouco tempo, ficou conhecido por suas qualidades intelectuais e seu desempenho nos esportes. Mas não só por isso: nessa época, ele também descobriu a bebida e os jogos de

azar, o que rapidamente resultou numa reputação duvidosa e em dívidas bem maiores do que poderia assumir. As relações com Allan se tornaram então mais tensas, obrigando Poe a deixar a universidade e a ausentar-se de casa constantemente, numa vida instável que se complicaria ainda mais com a morte da mãe de criação, em 1829. Allan morreu seis anos depois, excluindo Edgar de seu testamento.

Nada disso, contudo, parecia impedi-lo de escrever: mal completou vinte anos, publicou seu segundo livro de poemas; três anos mais tarde, ganhou o concurso de contos promovido pelo The Saturday Visitor, um jornal de Baltimore.

“Manuscrito encontrado numa garrafa” foi seu primeiro êxito no mundo das letras, rendendo-lhe um cheque de cinquenta dólares e um emprego no Southern Literary Messenger, periódico literário de Richmond. Ali trabalhou escrevendo todo tipo de texto, de poemas a resenhas de livros, de contos a notícias do mundo literário.

Em 1837, quando decidiu abandonar o emprego, a circulação do jornal aumentara de setecentos para três mil e quinhentos exemplares, fazendo do Messenger o periódico mais influente do Sul. Esse desempenho notável iria repetir-se nos outros jornais onde trabalharia: tendo assumido a editoria do Graham’s Magazine da Filadélfia em 1840, em pouco mais de um ano as assinaturas saltaram de

cinco mil para quarenta mil! Apesar disso, Poe fracassou nas tentativas de montar e editar um jornal próprio. Um sonho que acalentou durante toda a vida, sendo, em parte, responsável por suas inúmeras mudanças de emprego e endereço.

É verdade que a saúde frágil de sua mulher também contribuiu para essa inconstância. Edgar casou-se com a prima Virginia Clemm em 1835. A menina, então com apenas treze anos, passou a acompanhá-lo pelas andanças à procura de melhores oportunidades, até que os primeiros sinais de tuberculose se manifestaram. Daí para a frente, a saúde de Virginia piorou na mesma proporção que as

O navio fantasma, tema fascinante que Poe explorou no conto “Manuscrito encontrado numa garrafa”, uma de suas histórias mais famosas



dificuldades financeiras do casal, e a frequência das hemorragias veio a exigir constantes mudanças da cidade para o campo. Faltavam recursos de todo o tipo para que ela pudesse tratar-se. O rigor do inverno, aliado à miséria da família, levou a sra. Poe à morte em 1847, deixando o marido desconsolado.

Suspense, terror e aventura

Certos fatos da vida de Poe, assim como seu misterioso fim, parecem estabelecer um estranho nexos com sua obra. A morte, o medo e a dor sempre foram seus temas prediletos. Seus principais personagens são solitários, sensíveis, tristonhos e até beiram a loucura. Os cenários são os mais sombrios: cemitérios, subterrâneos, torres inacessíveis e navios fantasmas. Seus contos parecem concentrar uma força irracional e maligna à qual todo ser humano está condenado, como se o terror estivesse não só nos ambientes sinistros, mas dentro de cada um de nós.

Aficionado por esses temas, aos trinta anos já tinha publicado três livros de poemas, uma coletânea de vinte e cinco contos (entre eles obras-primas do terror como “A queda da



Virginia Clemm se casou com Poe quando tinha vinte e seis anos e ela, treze

Casa de Usher” e “Ligeia”) e o romance de aventuras A narrativa de Arthur Gordon Pym. Foi nesse período que ele começou a se dedicar às histórias de raciocínio e dedução, escrevendo o famoso conto “Os crimes da rua Morgue” e outras narrativas policiais. Estava fundada a moderna “novela de detetive”.

Algumas dessas histórias têm como personagem principal o personagem principal o francês Auguste Dupin, um nobre falido e excêntrico cuja única diversão na vida é passar noites e noites elucubrando sobre assassinatos misteriosos. Graças a complicadíssimos raciocínios, ele consegue desvendar “crimes perfeitos”, considerados insolúveis pelo comissário de polícia.

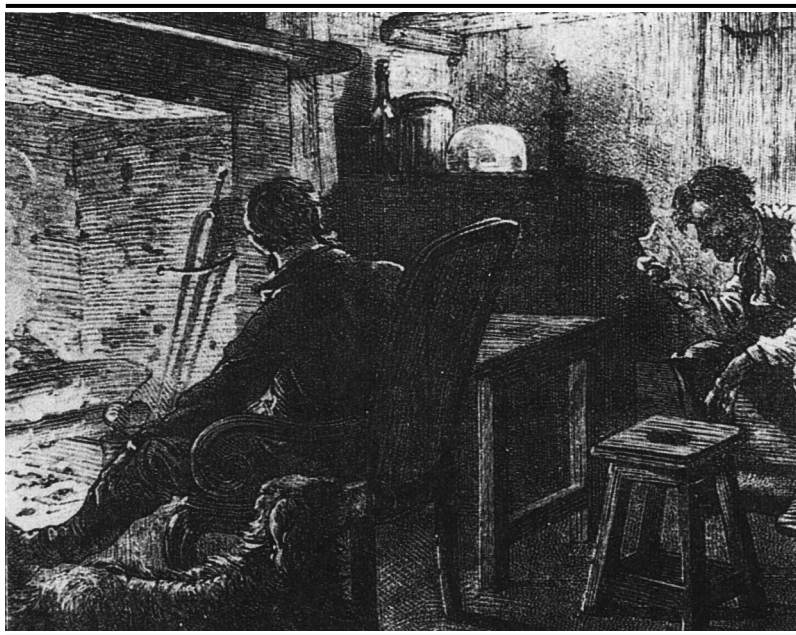
Tudo o que era misterioso atraía Edgar Allan Poe. Solucionar mistérios era, para ele, uma obsessão. Quando trabalhava no Graham's Magazine, costumava desafiar os leitores a lhe enviarem criptogramas (mensagens cifradas), que, por mais difíceis que fossem, jamais ficavam sem resolução. Nessa época, ele publicou "O escaravelho de ouro", história de mistério que gira em torno de um desses enigmas. O conto rendeu-lhe um prêmio de cem dólares e uma circulação de trezentos mil exemplares.

A partir daí, consolidou-se a fama de Poe como

Ilustração para uma antiga edição francesa de "O escaravelho de ouro". Traduzidas pelo poeta Baudelaire, as histórias de Poe tornaram-se até mais populares na França que nos Estados Unidos

escritor de contos policiais e histórias arrepiantes. Alguns anos mais tarde, ele viria a ser reconhecido também como grande poeta: em 1845, a publicação do poema "O corvo" provocou furor no meio literário americano. Esse sucesso ecoou na Europa, encantando os franceses e merecendo especial atenção de Baudelaire. O poeta francês não poupou elogios ao americano: "Nenhum homem soube narrar com mais magia as exceções da vida humana e da própria natureza".

Contudo, a fama em nada facilitou a vida de Poe. Do ponto de vista financeiro, a literatura era péssimo negócio.





A primeira versão de uma história de Poe para o cinema foi feita já em 1911. Depois disso, as adaptações se multiplicaram – embora nem sempre fiéis. Aqui, o astro do terror Vincent Price em dois desses filmes

Direitos autorais baixíssimos e ainda calculados sobre o preço desprezível dos livros. O escritor viveu sempre em condições muito precárias; com a morte de Virginia, parece que tudo se tornou ainda mais difícil. Sofreu um colapso físico e mental, passando a recorrer mais à bebida e, com certa frequência, ao ópio. Meses após a publicação de seu décimo e último livro, Eureka, Poe chegou mesmo a tentar suicídio, ingerindo grande quantidade de láudano. Se o envenenamento não o matou, teve consequências tristes, como um ataque de paralisia facial.

Segue-se a esses episódios uma fase extremamente atormentada, complicada por fracassos amorosos e profissionais. Quando enfim parecia ter encontrado um pouco de paz, ao voltar para Richmond e reatar com Sarah Shelton, acontecimentos nebulosos vieram desviá-lo do caminho. O resto da história já sabemos. Aos quarenta anos, morre Edgar Allan Poe, deixando-nos dezenas de histórias fantásticas e um único mistério sem solução.

SUMÁRIO

■ EDGAR ALLAN POE

Criador de histórias extraordinárias

- O escaravelho de ouro / 15
- O barril de Amontillado / 49
- Conversa com uma múmia / 57
- Manuscrito encontrado numa garrafa / 75
- O gato negro / 87
- A máscara da Morte Escarlate / 98
- A queda da Casa de Usher / 105

O ESCARAVELHO DE OURO E OUTRAS HISTÓRIAS

A obra de Poe, ainda que marcada pelos temas mórbidos, toma diversas direções. É como se o autor tivesse decidido explorar uma só região, mas tão bem que teve o cuidado de visitá-la nas diferentes estações do ano. Assim, alguns contos nos deixam completamente arrepiados, outros provocam gostosas gargalhadas, e outros, ainda, nos convidam ao raciocínio e à imaginação científica.

O leitor deste volume encontrará em “A queda da Casa de Usher” o melhor exemplo de história de horror. A casa mal-assombrada, cenário fundamental do conto macabro, ganha com Edgar A. Poe uma feição quase humana. A mansão incrivelmente antiga parece tão viva quanto seus moradores, compartilhando com eles uma única alma e ligando-se à família Usher por meio de mistérios ancestrais. O leitor vai tremer de medo no desenrolar dessa

narrativa, mas não deve esperar calafrios menores dos outros três contos de terror, “O barril de Amontillado”, “O gato negro” e “A máscara da Morte Escarlate”.

“O escaravelho de ouro” nos oferece as emoções do suspense policial. Legrand, o personagem principal, é um homem de raras qualidades, reunindo habilidades de cientista, matemático, erudito e intuitivo. Seu domínio da arte da dedução chega a surpreender mesmo aqueles que conhecem o sr. Dupin de “Os crimes da rua Morgue”.

Definir os sentimentos que nos assaltam à leitura de “Manuscrito encontrado numa garrafa” não é nada fácil. A extravagância de certas cenas (como a do antiquíssimo navio levantado por uma onda gigantesca no meio do mar) e o grotesco de outras (como a sinistra tripulação de velhos cegos) nos deixam desconcertados. Talvez aqui

o melhor seja falar de ficção fantástica, onde o natural em nada se distingue do sobrenatural.

Por fim, o leitor poderá relaxar em “Conversa com uma múmia”, na qual Poe revela sua faceta de humor e sarcasmo. Com fina ironia, ele descreve o encontro entre um egípcio ressuscitado depois de milhares de anos e um grupo de sérios cientistas cuja fé no progresso é inabalável. Ou quase! Nesse texto surpreendentemente atual, Poe expõe suas críticas à ciência e à política, num ferino julgamento da sociedade americana do século XIX.

É difícil imaginar que um homem tão perturbado tivesse a concentração necessária para escrever com tal variedade de estilo e imaginação. Mas Poe teve. E nunca deixou de escrever. Sua obra expressa a divisão que marcou sua vida: de um lado o sobrenatural, a loucura, o delírio; de outro, a razão, a lógica, a ciência. Não é de estranhar que ele tenha sido o primeiro escritor a introduzir o fator científico no conto de terror. Uma inteligência matemática aliada à sensibilidade poética — em outras palavras, um gênio.

E. R. M.



O ESCARAVELHO DE OURO*

*What ho! what ho! This fellow is dancing mad!
He hath been bitten by the Tarantula.*

All in the Wrong**

Há muitos anos, fiz amizade com certo William Legrand, filho de uma família antiga, protestante. Já tinha sido rico, mas uma série de desventuras o reduziu à pobreza. Para fugir às humilhações que acompanham tais desastres, deixou Nova Orleans, cidade de seus antepassados, e passou a morar na ilha de Sullivan, perto de Charleston, na Carolina do Sul.

Essa ilha bem original, composta quase só de areia, tem uns cinco quilômetros de comprimento e sua largura em nenhum ponto atinge os quinhentos metros. Fica separada da terra firme por uma angra quase imperceptível, que se infiltra por um mangue de juncos e de lama, esconderijo favorito de aves aquáticas. A vegetação, como se pode imaginar, é escassa ou, pelo menos, anã. Não se vê nenhuma árvore de grande porte. Perto da ponta oeste, onde ficam o Forte Moultrie e algumas cabanas miseráveis, ocupadas no verão por aqueles que fogem da poeira e das febres de Charleston, é que se pode encontrar algumas palmeiras-anãs; mas a ilha inteira, com exceção dessa ponta oeste e de uma faixa irregular de praia branca que costeia o mar, acha-se coberta por um mato cerrado de murta-de-cheiro, muito estimada pelos jardineiros da Inglaterra. Ali os arbustos chegam, muitas vezes, a medir cinco ou seis metros de altura, formando um matagal quase impenetrável, que perfuma o ar com aromas suaves.

Nas profundezas dessa mata, não muito longe da ponta leste, a mais remota da ilha, Legrand construiu uma pequena caba-

* Título original: "The gold bug". (N.E.)

** Oh! Oh! Este rapaz está dançando feito louco! Foi picado pela tarântula. **Tudo às avessas.** (N.E.)